

Ser e fazer-se professora no Piauí nas primeiras décadas do século XX: a história de vida da normalista Nevinha Santos

Jane Bezerra de Sousa*¹

Resumo: Maria das Neves Cardoso Rodrigues, professora primária, formada pela Escola Normal do Piauí no ano de 1928, foi professora e diretora do grupo Escolar Coelho Rodrigues em Picos (PI) até o ano de 1951. Aos 87 anos de idade, escreveu textos com suas memórias e decidiu publicá-las no Jornal Meio Norte, Teresina (PI). O artigo mostra a trajetória de vida da professora Nevinha; sua infância em Marruás; o encontro com as primeiras letras na escolinha de Dona Belinha Bacelar; o ingresso na Escola Normal Oficial do Piauí, e a cidade de Teresina no seu período de formação como normalista. Aborda também o significado de ser professora normalista e sua missão salvacionista. Como fontes foram utilizadas os artigos escritos pela professora Nevinha Santos, jornais, decretos e leis. As análises foram feitas dentro do referencial da história nova.

Palavras- Chaves: história-história de vida-profissão docente

Este artigo tem como objetivo mostrar os espaços, tempos, sujeito e o processo de formação, que chamo, de “ser” e “fazer-se professora” no Piauí, tendo como ponto de partida a história de vida da professora normalista Maria das Neves Cardoso Rodrigues.

Trago à cena a Escola Normal Oficial do Piauí, mostrando o seu processo de desenvolvimento e consolidação. A partir da história de vida da Professora Nevinha contida em suas memórias, escrita e publicada no Jornal Meio Norte, mostro o significado do “ser e fazer-se professora primária” no Piauí no período de 1922 a 1928. O recorte cronológico adotado foi em função do período em que a Professora Nevinha estudou na Escola Normal.

Coincidentemente ao ano da reforma de ensino de 1910, em que oficializava a escola normal e regulamentava a criação de grupos escolares, nasceu, Maria das Neves Cardoso Rodrigues em 12 de março deste mesmo ano, na localidade Marruás¹, pertencente na época ao município de Barras no Piauí, sendo filha do Coronel José Olímpio Rodrigues, político e comerciante, e de Lina Cardoso Rodrigues (costureira). No início do século XX, Marruás era ainda um núcleo populacional, vinculado ao município de Barras. Nos textos da professora Nevinha Santos, Marruás sempre foi muito referenciado através de sentimentos de saudades do seu lugar de origem. Ela descreve em detalhes toda uma região, a começar pela loja de seu

¹ Professora Assistente da Universidade Federal do Piauí e doutoranda da Universidade Federal de Uberlândia.

pai, que ficava no início da Rua Grande (hoje Avenida Presidente Vargas), onde moravam as famílias de maior poder aquisitivo.

Em frente à loja do meu pai havia um cajueiro alto, frondoso, imponente, com os cajus bem pequeninos. A impressão era de um pai orgulhoso guardando seus filhinhos com medo da chuva e do vento. Mais à frente ficava a casa do Coronel Manoel da Costa, pai de Maria Ester, uma das minhas amigas de infância. Descendo um pouco mais, havia a Igrejinha de Nossa padroeira, a Virgem da Conceição². Mais adiante a “baixinha”. Quando o rio Parnaíba enchia, a baixinha ficava totalmente alagada e tomava toda quadra da igreja. Era linda, a meninada fazia a festa. Parecia um mar de águas vermelhas, levando tudo de roldão.

Maria das Neves Cardoso Rodrigues foi uma das primeiras meninas que saiu para estudar fora do município e a primeira professora diplomada de Porto (PI). Fez o curso primário na cidade de Brejo (MA)³, local onde morava sua avó. Para ali chegar, atravessava-se o rio Parnaíba de canoa e, do outro lado, no município de Repartição, seguia-se a pé ou a cavalo (11 km) até chegar a Brejo. A escola pertencia a Dona Belinha Bacelar, ou seja, era uma escola particular, sendo exclusiva para meninas. Nas palavras de Nevinha, “Lá fiz todo o meu curso primário. E com ela aprendi também a maneira de ensinar crianças”.

Desde meados do século XIX, algumas mulheres, assim como a professora Belinha Bacelar, começaram a se dedicar ao ensino de primeiras letras e de trabalhos manuais às alunas. Segundo Castelo Branco (2005) é possível encontrar em vários jornais anúncios dessas aulas particulares, sendo que a maioria dessas mulheres que ministravam aulas em casa não tinha uma formação mais apurada e ensinavam as alunas a ler, escrever, conhecer números e fazer contas com as quatro operações fundamentais de aritmética. Também orientavam sobre princípios de moral e religião, além de instruir sobre trabalhos de agulha. Geralmente eram professoras solteiras em busca de alguma ocupação ou de complemento de renda para a família.

Quando foi inaugurada a primeira sede da prefeitura de Marruás (que ainda lutava por sua emancipação política), Maria das Neves Cardoso Rodrigues tinha dez anos, e a sua professora da época preparou-lhe um discurso para decorar e dizer no dia da festa, oportunidade em que foi aclamada com muitas palmas e vivas.

Os primeiros a me abraçarem, depois do meu pai, foram os coronéis Manoel da Costa, Edson Rêgo e Anfrísio Bastos. Lembro-me com carinho de todos. A alegria do meu pai era sentida no seu rosto. A festa foi grandiosa. Vieram as bandas de música de Barras e Miguel Alves. Vieram também muitos políticos e correligionários, familiares e amigos das cidades vizinhas. Houve muitas cervejas, muitos foguetes foi uma animação como diziam eles. Hoje estou lembrando esse passado que vai longe demais [...] tão longe [...] e me vejo pequena, esperando o meu pai chegar de Parnaíba num dos vapores “Manoel Tomaz”, Piauí ou Igarassu, trazendo mercadorias para sua loja, e eu tinha certeza que trazia bonecas de louça inglesa para mim.

O rio Parnaíba também despertou fortes sentimentos na professora Nevinha, isso porque a sua cidade é toda cortada pelo rio, sempre o descrevia, bem como as barcas cobertas de palhas (parecendo casinhas flutuantes), os homens trabalhando nas margens dos portos das cidades do Piauí e do Maranhão. Também são lembradas as lagoas com os jacarés, os igarapés, os passeios pelas várzeas, na lagoa da Rita ou a cavalo, com seu pai.

Na cidade de Brejo (MA), Nevinha morava na Rua Santana, onde também se localizava sua escola, à qual se dirigia pela manhã, o que lhe proporcionava um belo passeio, como ela mesma define:

O meu colégio era na mesma rua, mas longe, porque a rua era muito comprida. Ela terminava numa praça, onde havia a bela matriz de Nossa Senhora dos Remédios, onde fiz a primeira comunhão, num lindo domingo de festa, com todas as alunas do colégio. Esse tempo foi o mais feliz da minha vida [...] Quando saía de manhã para o colégio, ia me juntando com outras meninas e quando chegávamos éramos seis. Para mim era um belo passeio. Andar pela Rua Sant’Anna era um sonho, na rua havia pontesinhas, pois por ela passavam os riachos que cortavam a cidade. Achava aquilo maravilhoso e mais os sobrados que havia na rua, casas lindas, com jardins, grandes lojas, as palmeiras imperiais e fogueiras enfeitando a cidade. Para mim tudo aquilo era maravilhoso, adorei morar lá.

Quando chegava do colégio, ia para o riacho tomar banho, subia nas árvores, tirava ninho dos pássaros, acompanhada sempre da Zezé. Depois voltava para casa, almoçava e ia aprender a lição com Bibi, sua prima. Nessa época, o pai sempre a visitava levando-a para as lojas com o fim de comprar o que ela necessitasse.

Depois de terminar o curso primário, em 1922, Nevinha mudou-se para Teresina, viajando no vapor Manoel Tomaz. Segundo ela, “O vapor era grande e confortável. Foi uma viagem encantadora. Era uma linda noite de luar. As águas ficavam prateadas à noite com a lua e o céu estrelado”. Para Tavares (2003) a navegação do Rio Parnaíba foi liberada pela capitania dos Portos em 1903, porque era intensa a navegabilidade entre Paranaíba e Uruçuí. Era importante veículo de comércio, cruzavam o rio conduzindo chapas de ferro ou barcaças de madeira. A navegação foi intensa até a década de 40 do século XX, transportando passageiros e produtos do fundo do delta como também produtos de outros estados e do exterior.

Quando chegou a Teresina, morou com Dona Mariazinha Alencar e suas filhas Júlia e Marocas. Foi com elas que aperfeiçoou as boas maneiras, bons hábitos e aprendeu novas lições.

Seja o vosso lábaro o último mandamento de Cristo aos seus apóstolos: It docete emmes gentes. Ide, ensinai a todas as gentes (HIGINO CUNHA) – Escola Normal de Teresina.

A Escola Normal em Teresina foi criada pela resolução 565 publicada a 05 de agosto de 1864 e inaugurada em 03 de fevereiro de 1865, na época o presidente da província era Franklin Américo Meneses Dória, o curso tinha uma duração de dois anos e as disciplinas ministradas eram: instrução moral e religiosa, leitura e escrita, elementos da gramática nacional, cálculo, sistema de pesos e medidas, ciências das escolas, elementos de história e geografia, prendas domésticas (para as senhoras). Constituía a equipe inicial de professores Constantino Luiz da Silva Moura (médico e diretor da escola), Newton César Burlamaque, bacharel em matemáticas e o Capitão Joaquim de Lima e Castro, professor público de aritmética e geometria. O número inicial de alunos era de 23 e destes sete desistiram, foi extinta em 1867 pela resolução 599 de 09 de outubro deste mesmo ano. Essa mesma resolução criava anexo ao curso propedêutico, um curso especial de dois anos para os que pretendessem praticar o magistério, essa experiência permaneceu até o ano de 1874.

Segundo Soares (2008) de 1874 a 1882 não se tem notícias sobre o ensino normal no Piauí. Mas em 1882 com a resolução 1062 de 15 de julho daquele ano, foi instalada no mesmo prédio do liceu, porém autônoma com professores destinados exclusivamente a formação docente. Essa experiência durou até o ano de 1888. Foram quase vinte anos ausentes da instrução pública piauiense. Em 1908 é criada uma sociedade auxiliadora da instrução pública que instituiu em 1909 a escola normal Livre, oficializada em 1910.

Em Teresina, Nevinha, fez o quarto ano na Escola Modelo, a qual foi criada anexa à Escola Normal, através do Decreto nº 434, de 1910, destinando-se a promover a prática das normalistas, que, na Escola Modelo, treinavam o ensino primário. No entanto, a escola só foi instalada em 1912 e funcionou até 1955 com o nome de Artur Pedreira. Em 19 de novembro de 1922, Maria das Neves Cardoso Rodrigues prestou exames na Escola Modelo.

Esse exame isentava a aluna de prestar novas provas de admissão na Escola Normal, onde o ingresso se dava com essa forma de avaliação. Outra forma de ali ingressar era ser o aluno ou aluna portador (a) de diploma de estudos primários realizados na Escola Modelo, na escola complementar Antonino Freire, no Colégio sagrado Coração de Jesus, no Externato Areolino de Abreu, no Ginásio Paes de Carvalho, ou ainda ser transferido do Liceu Piauiense. Segundo Lopes (2001, p.42),

O destaque, contudo, era da Escola Modelo, escola pública estreitamente vinculada à Escola Normal, destaque este dado por sua importância no sistema educacional e pelo fato de seu diploma de 4º ano primário ser reconhecido para efeito de matrícula na Escola Normal.

No ano de 1923, a Escola Normal Oficial de Teresina já se consolidara. Fundada desde 1909 e oficializada em 1910, exercia forte influência sobre a cidade e também sobre a educação. A oficialização da Escola Normal fez parte da implantação da Lei nº 548, de 30 de março de 1910, que determinava:

O estabelecimento do ensino de forma livre, leiga e gratuita, dividido em primário, normal e profissional;
A criação da escola Normal destinada exclusivamente ao sexo feminino para o preparo das candidatas ao magistério público primário;
A nomeação, preferencialmente de professoras normalistas;
A permissão para professoras interinas freqüentarem a Escola Normal Oficial com o fim de se efetivarem.

Segundo Soares (2008), desde sua criação, a Escola Normal Oficial funcionava apenas em horário diurno, sendo que o aluno deveria obter, no mínimo, seis pontos nos dois tipos de exame: o de promoção, que possibilitava matrícula no ano seguinte, e o final, que conferia a habilitação para exercer o magistério, além da freqüência obrigatória nas atividades do curso. O ano letivo se estendia de 15 de abril a 15 de dezembro, e as aulas tinham duração de sessenta minutos. A metodologia se caracterizava por aulas teóricas, currículo que se aproximava do ensino propedêutico.

No ano em que a aluna Maria das Neves Cardoso Rodrigues ingressou na Escola Normal Oficial, predominava a seguinte grade curricular, conforme Lei nº 1027, de 03/07/1922: 1ª série – Português, Francês, Aritmética, Geografia e Cosmografia, Desenho e Caligrafia, Trabalhos Manuais e Ginástica; 2ª série – Português, Francês, Aritmética e Noções de Álgebra, Corografia Específica do Brasil, Desenho e Caligrafia, Trabalhos Manuais, Ginástica e Pedagogia Teórica; 3ª série – Português, Francês, Física e Metodologia, História do Brasil, Desenho e Caligrafia, Trabalhos Manuais e Cartografia, Música Vocal, Pedagogia e Psicologia; 4ª série – Literatura, História Natural e Higiene, Química, História Universal, Desenho, Música Vocal e Pedagogia Prática;

Conforme Soares (2008), de 1920 a 1929, ocorreu um aumento de matrícula na mesma proporção da década anterior. Isso aconteceu, segundo a autora, devido à vinculação da nomeação efetiva do (a) professor (a) primário (a) ao diploma de normalista, o que

contribuiu, em seguida, para a fundação de outras escolas normais: em Parnaíba, no ano de 1928, e em Floriano, no ano de 1930.

Em Teresina, Nevinha Santos ingressou na Escola Normal Oficial no ano de 1923, tendo apresentado, no ato da matrícula, através de sua mãe, Lina Cardoso Rodrigues, requerimento acompanhado de certidão de idade, atestados de vacina e de que não era portadora de moléstia contagiosa.

Em 29 de março de 1924, seu pai requereu sua matrícula no 2º ano da Escola Normal Oficial, tendo Nevinha perdido algumas disciplinas, sendo que, em 1925, fez nova matrícula no 2º ano. Em 1926, prestou exames das disciplinas Português, Francês, Aritmética, Geografia, Pedagogia, Desenho, Música e Trabalhos, e, sendo aprovada em todas, ingressou no 3º ano. Durante os anos de 1926 e 1927, cursou o 3º ano, submetendo-se também a provas de disciplinas perdidas, como Física, História Natural, Música, Desenho, Geometria, Pedagogia e História do Brasil.

Em 31 de março de 1928, Nevinha requereu matrícula no 4º ano do curso, sendo que, em novembro do mesmo ano, tornou-se normalista, como professores, teve: Adelaide Fontenelle, Lélia Avelino, Anísio Brito, Sotero Vaz, Higino Cunha e Firmina Sobreira Cardoso, sobre os quais observa:

O professor era respeitado tanto pela sociedade, quanto pelo governo, que além de pagar bem não deixava atrasar o salário [...] tinham ótima educação e procuravam passá-la para seus alunos. Nos ensinavam boas maneiras e um português correto. Não havia gírias e poucas pessoas falavam errado. Criticava-se quem não falava corretamente.

Em suas recordações, a educadora destaca ainda suas amigas da época: Nydia Carvalho, Erina, Dagmar Miranda, Hilda, Aldenora e Angélica Martins, amigas que, nas horas de lazer, recitavam poemas de Olavo Bilac, Liam Machado de Assis, cantavam, balançavam nas redes, recitavam sonetos de poetas piauienses, faziam festinhas de aniversário para as professoras e também realizavam as atividades da Escola Normal. Segundo Freitas (2003, p. 39), “[...] estas jovens mulheres viveram, enquanto normalistas, a experiência de um curso normal na mesma instituição. Partilharam valores, normas, regras e conteúdos no processo de formação”. A formação profissional dessas normalistas são permeadas por reciprocidades, apesar de cada uma ter vivido experiências particulares, todas elas conviveram

com os mesmos professores e colegas, dessa maneira as suas vivências foram construídas no espaço escolar e revelam o seu cotidiano.

Todas elas eram adolescentes entre 12 e 15 anos ao ingressarem na escola normal, um curso que variava de três a cinco anos e nesse ínterim amadureciam juntas no convívio social, afetivo, cultural, físico. Amadureciam a partir de um grupo e suas experiências.

Sobre as festas no dia 15 de maio para comemorar os aniversários da fundação da Escola Normal, relata a professora Nevinha:

Era tudo muito bonito, muito animado, as pessoas faziam discursos, algumas alunas recitavam poemas. Tinha o desfile também. Guardo muita coisa boa desse tempo. As brincadeiras, as conversas com minhas amigas. Me entristece saber que a grande maioria delas já morreu, mas lembro de todas com saudade. Recebi meu diploma em 1928 aos 18 anos de idade. No ano seguinte fui dar aulas em Picos e morei lá por muito tempo. Já nessa época comecei a perder contato com as minhas colegas. Não existiam correios, então ficava difícil manter correspondência.

Muitas das amigas da Escola Normal fizeram visitas a Nevinha, que, na escrita de suas memórias, sempre as registrava. A amiga Erina, por exemplo, visitava-a em companhia da irmã Angélica. Eram encontros marcados por conversas cheias de recordações e lembranças da Escola Normal. Dos domingos nas residências das amigas. Lembrava também de outras colegas, como Dagmar: “éramos tão amigas que fazíamos vestidos iguais”. Durante esses encontros, fotografias eram trocadas como a própria Nevinha relata: “A Erina me trouxe um quadrozinho onde todas nós, normalistas da época e alunas da professora Adelaide Fontenele⁴, felicitávamos pelo seu aniversário”. E ainda sobre a Escola Normal lembrou com sentimentos de muita saudade:

Esse tempo de Escola Normal foi o tempo da alegria, da felicidade, das festinhas, juntas todas nós. Que saudade e suaves recordações de um passado que já vai muito longe [...] passado que não se pode esquecer [...] nunca, jamais [...] Assim é a vida. Cheia de amarguras e decepções, mas também repleta de momentos inesquecíveis.

A Escola Normal, em seus primeiros anos, recebeu alunas provindas não só de Teresina, mas também de vários outros locais, as quais, ao terminarem o curso, voltavam para suas cidades para ocuparem cargos de professoras públicas e assim revolucionarem a prática pedagógica e substituírem os antigos mestres-escola. Tinham como função livrar seus alunos da ignorância e formar bons cidadãos.

Nevinha Santos morou em Teresina (PI) de 1922 a 1928, ou seja, os seis anos necessários para a conclusão de seus estudos de normalista. E, como os lugares e pessoas exerciam forte influência na professora, em seus escritos, ela procurou descrever Teresina minuciosamente.

Sua descrição de Teresina no final da década de 30 do século XX traz à tona pessoas comuns de uma época, como o dono do Bar Zecão e também o Sr. Budaque, dono do cinema, espaço que se enchia dos alunos da escola Normal e do Liceu, às tardinhas. O cinema era considerado a melhor diversão, mas havia outras, como as quermesses da Igreja do Amparo, as quais eram realizadas por senhoras da sociedade e mocinhas que as ajudavam. Estas se vestiam de floristas e saíam vendendo flores coloridas, ou então, fantasiadas de carteiro, entregavam cartas de amor enviadas pelos rapazes às mocinhas em idade de namoro.

Nessa época, em Teresina, não havia clubes, sendo que os bailes se realizavam nas casas de família, como a de Matias Olímpio, a de Sotero Vaz ou a de Tote Carvalho. Os grandes bailes, que eram festas suntuosas, ocorriam no palácio do governo.

Pela manhã, as normalistas, vestidas de azul e branco e chapéus de abas largas, enfeitavam as ruas com sua boa aparência, vendo-se também os meninos do Liceu, fardados, com seus livros debaixo do braço, todos caminhando apressadamente para chegarem na hora certa. Naquela época não havia carros, mas tudo era perto.

Sobre o dia-a-dia de Teresina, Nevinha prossegue narrando detalhes bem pitorescos de. De sua cidade (Porto- PI), Nevinha foi à primeira mulher a concluir os estudos e a se tornar professora, o que ocorreu em dezembro de 1928. Ser professora era umas das primeiras profissões respeitáveis para as mulheres oriundas da elite, e, no caso de Nevinha não era diferente, pois ela pertencia a uma família de comerciantes do interior do Piauí, embora, anos depois, o seu pai ficasse pobre. Desse modo, o ofício de ensinar também tinha com objetivo a sua manutenção pessoal.

Em 1910, com a criação da Escola Normal, a clientela escolhida foi à feminina, por justificativas como sacerdócio, ternura, missão para mulher. Em 1920, com os investimentos em educação e aumento de número de vagas nas escolas públicas, abriram-se novas vagas para as professoras formadas na Escola Normal. O ensino primário tornava-se um campo de trabalho das mulheres, configurando-se como uma profissão digna e aberta ao talento

feminino. Mesmo com os salários baixos, era uma forma de ocupar funções em repartições públicas.

Para Freitas (2003) a escola normal era um espaço social aceito, responsável pela formação das mulheres. Uma possibilidade de exercer uma profissão socialmente permitida, uma oportunidade de transcender o âmbito doméstico na busca da realização e independência social e econômica.

As escolas normais eram bem aceitas pela boa reputação da instituição, os professores catedráticos, o desejo de ser professor. O ingresso geralmente era uma decisão familiar. As condições materiais, a sobrevivência e a garantia de um emprego eram elaboradas e ao mesmo tempo necessidade da família.

Considerações finais

Como vimos, através do artigo, a história de vida da professora Nevinha pode ser tomada como um ponto de partida para compreender o jeito de ser e constituir-se professora primária no Piauí nas primeiras décadas do século XX. No início da república, a profissão de ser professora era desvalorizada, mas com os projetos republicanos de progresso através da educação popular esse quadro foi modificando com a abertura das escolas normais que geraram debates no Piauí entre ideais educacionais católicos e anticlericais que defendiam um pensamento mais próximo do escolanovismo. Passado esses debates foi possível perceber a institucionalização da profissão, professora normalista como missionária, mãe e salvadora da pátria além dessa estar coberta de um status social e uma áurea gloriosa o que escondia por vezes os salários baixos e as péssimas condições de trabalho assumidos principalmente dentro do interior do estado.

A professora Nevinha Santos ingressou na escola normal em 192, no período em que estava consolidado o papel da mulher dentro do magistério primário e a normalista ser motivo de orgulho do estado e da sociedade por essas serem como apóstolos nos sentido de difundir a instrução onde quer que fosse nem que para isso houvesse sacrifício pessoal. Ao término de sua formação em 1928, o método intuitivo já era o escolhido como o melhor para educação das crianças piauienses, estes como centros do ensino e a professora desempenhando também outros papéis de mulher e de mãe. Estes pensamentos e idéias vão ser à base de toda uma prática nos próximos anos nos Grupos escolares piauienses.

- ¹ Atualmente cidade de Porto (PI), originada da antiga Vila de Imaculada Conceição, teve como denominação inicial Marruás, sendo então uma simples fazenda de gado pertencente ao município de Barras. O nome Marruás surgiu devido à morte de dois marruás (novilho reprodutor), que lutaram por dois dias e duas noites até a morte. A luta iniciou na beira rio e terminou entre o morro da baiana e a lagoa grande. O município localiza-se às margens do rio Parnaíba, onde a intensa navegação de barcos a vapores que atracavam no cais atraía muitos comerciantes da região, o que contribuiu para o progresso do atual município de Porto (que passou a ter essa denominação em 1/01/1944).
- ² A Igrejinha foi destruída pelas enchentes do rio Parnaíba, e no local foi construída outra com o nome de Igreja de São Francisco. A Igreja da padroeira Nossa Senhora da Conceição foi construída no início da Av. Presidente Vargas.
- ³ Localizada a 349 km da capital São Luís.
- ⁴ Adelaide Fontenele foi aluna da Escola Normal, diplomada em 1918, estes versos foram publicados para ela na revista da Academia Piauiense de Letras em 1919. Desta casa nenhuma até agora lhe excedera no brilho das lições; por isso a nívea fronte hoje lhe enflora a grinalda de muitas distinções; Em breve deixa a escola e vai-se embora, das colegas levando os corações, dos mestres poderá dizer lá fora, as mais belas e sábias preleções; é da terra da luz! Foi na viçosa que nasceu esta meiga senhorita, de espírito brilhante e alma radiosa; de bondade, Ella aqui foi um exemplo, na escola deu a prova mais bonita do quanto se aproveita neste templo.

Referências bibliográficas.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. *Vestidas de azul e branco*. Aracaju, SE: NPGED, 2003.

LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. *Superando a pedagogia sertaneja*: Grupo Escolar, Escola Normal e Modernização da Escola primária pública piauiense (1908-1930). Tese de doutorado UFC, Fortaleza, 2001.

SOARES, Norma Patrycia Lopes. *Escola Normal em Teresina (1864-2003)*; Reconstruindo uma memória da formação de professores. Teresina: Unidas, 2008.

O AVISO, Picos, 15 de outubro de 1921

PIAUI. *Leis e Decretos do Estado do Piauí do ano de 1910*. Therezina: Imprensa Oficial, 1910. (lei nº548, publicada em 30 de março de 1910).

SANTOS, Nevinha. *Decadência do Estado Novo*, *Jornal Meio Norte*, Teresina, PI, 22 set. 1997. (Caderno Alternativo).

_____. *Uma Volta ao Passado*, *Jornal Meio Norte*, n.1398 Teresina, PI, 22 ago.1998.

_____. *Lembrando “marruás” e minha cidade natal*, *Jornal Meio Norte*, n.1081, Teresina, PI, 18 dez.1997.

_____. *Adorei e me sentia muito feliz em ser professora*. *Jornal Meio Norte*, n. 1024, Teresina, PI, 22 out.1997.

_____. *Lembranças de uma infância feliz*. *Jornal Meio Norte*, n.1236, Teresina, PI, 22 mai 1998.

QUEIROZ, Teresinha. *Educação no Piauí*. (1889-1930). Teresina: ética, 2008